

“AS LINGUAGENS DO COTIDIANO COMO REPRESENTAÇÕES DO ESPAÇO: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA POSSÍVEL”

Profª Drª Salete Kozel- UFPR.PR/ BRASIL
skozel@ufpr.br

A presente comunicação tem por objetivo trazer a reflexão sobre as representações do espaço elaboradas a partir das linguagens do cotidiano como uma proposta metodológica interessante e pertinente tanto no aspecto pedagógico como epistemológico.

O embasamento teórico que perpassa essa proposta está centrado na vertente humanístico-cultural, enfatizando as representações como construções imagéticas decorrentes da apreensão dos significados e subjetividades espaciais. Assim sendo, as representações refletem a percepção e compreensão sociocultural dos indivíduos, que as produzem perpassadas por diferentes prismas em direção ao representativo / simbólico que se situa na base da relação *sujeito / signo/ imagem*.

Essa abordagem é evidenciada na geografia em princípio pelo aporte comportamental, com os mapeamentos cognitivos, passando pelo conceito fenomenológico de “espaço vivido” em direção a dimensão sociocultural expressa nas representações sociais tendo os Mapas Mentais como um dos seus principais aportes metodológicos. Entendemos os Mapas mentais como uma forma de linguagem que retrata o espaço vivido representado em todas as suas nuances, cujos signos são construções sociais. Eles podem ser construídos por intermédio de imagens, sons, formas, odores, sabores, porém seu caráter significativo prescinde de uma forma de linguagem para ser comunicado.

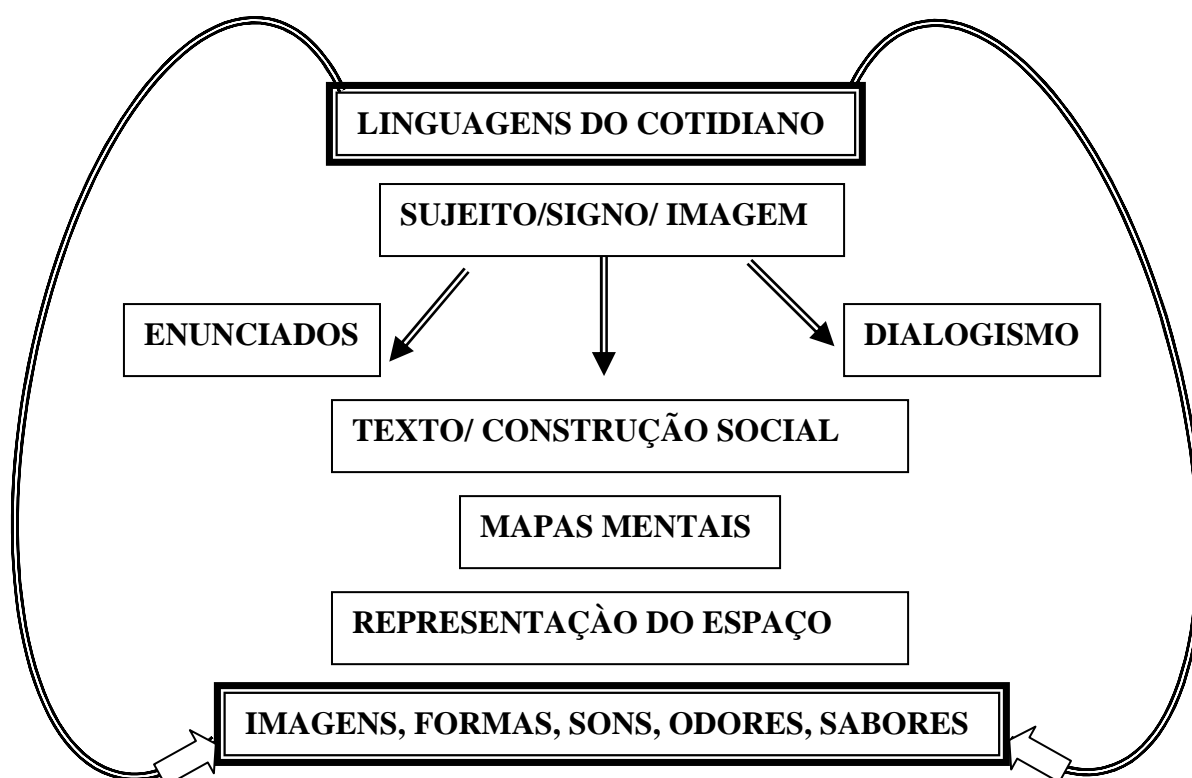
Todas as funções mentais superiores, específicas do ser humano integram a ótica da consciência, e são processos intermediados pelos signos que são construídos socialmente ao longo da existência. Portanto a representação é aqui considerada como uma forma de linguagem impregnada de significados e valores sociais refletindo a realidade ou vivência social dos indivíduos.

E ao considerar as representações como uma forma de linguagem, nos embasamos teoricamente em Mikhail Bakhtin (1986) que nos permite analisar os signos decorrentes dos mapas mentais como *Enunciados* estabelecendo relações entre as esferas sociais e as formas de comunicação. Ao analisar as representações como *Enunciados*, pode-se redimensiona-las amplamente estabelecendo relações entre as esferas sociais e as formas de comunicação, envolvendo grande número de interlocutores. Portanto, a codificação dos signos que formam a imagem como um texto, não se constitui apenas uma representação individual, mas coletiva, na medida em que compartilha valores e significados com comunidades e redes de relações.

As representações nessa perspectiva assumem um caráter de “Cartografia cultural”, sobretudo por incorporar aspectos da geografia humanístico-cultural tendo como fio condutor o Dialogismo Bakhtiniano.

Assim, os Mapas Mentais como construções sígnicas requerem uma interpretação/ decodificação, foco principal desta proposta teórico metodológica, que

atualmente vem sendo aplicado em várias pesquisas de cunho pedagógico, ambiental e turístico.



Organizado Kozel, 2009

MAPAS MENTAIS: REPRESENTAÇÃO SOCIOCULTURAL DO ESPAÇO

O mundo cultural é considerado não apenas como uma soma de objetos, mas como uma forma de linguagem explicitada no sistema de relações sociais no qual estão inseridos valores, atitudes e vivências, e essas imagens passam a ser entendidas como **mapas mentais**.

A linguagem aparece como uma semantização que os sujeitos fazem de seu espaço vivido ou uma modalidade privilegiada de representação. Essa linguagem é referendada por signos que são construções sociais.

É nessa perspectiva que entendemos os mapas mentais: uma forma de linguagem que reflete o espaço vivido representado em todas as suas nuances, cujos signos são construções sociais.

(KOZEL, 2007)

Os significados das diferentes representações ou linguagens são construídos a partir dos sentidos que na sua construção semiótica se transformam em enunciados. Podemos considerar como tal, imagens construídas a partir das sensações e percepções, assim como signos verbais ou não-verbais construídos a partir do mesmo processo.

Para Bakhtin (1986), não existe um enunciado absolutamente próprio, ele se encontra na intermediação entre os sujeitos: destinador e destinatário, porque o enunciado é essencialmente dialógico. O vivido só se semiotiza quando é expresso, em caso contrário não será uma experiência humana, mas uma mera resposta fisiológica a um estímulo do meio, que não se diferenciaria do animal. Portanto, expressar, externar um enunciado é um produto das inter-relações sociais.

O enunciado, assim como toda expressão humana resulta do dialogismo. Assim, as fronteiras entre os enunciados como unidades dialógicas, estão abertas e em contínua construção quando em contato com o exterior, e com o outro.

O ser humano, sua consciência e cultura são únicos em sua identidade, todavia, são produtos incorporados de outras consciências, outras culturas, mediadas pela comunicação que se instala no centro das relações. É dessa forma, portanto, que os discursos ao serem incorporados se constituem em signos que se transformam em enunciados ou representações nas diferentes formas de linguagem.

É, ainda, mediante a capacidade de combinar signos que se desenvolve a capacidade semiótica, pois os sistemas de signos são, sobretudo, conjuntos heterogêneos.

Na perspectiva bakhtiniana, tanto o método como o objeto das ciências humanas são dialógicos, produtos do diálogo entre interlocutores e diálogo entre discursos. Para ele “ser significa comunicar-se ... pois a vida é dialógica por natureza”.

O dialogismo diz respeito às relações estabelecidas entre eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente entre os sujeitos, que refletem e incorporam esses discursos, destacando não apenas como fala individual, mas como elo de significações, entrelaçando e perpassando os discursos. Não se trata de apenas mais um conceito entre tantos, mas nesta perspectiva imprescindível para o estudo e compreensão da linguagem signíca inerente as representações do cotidiano.

Faraco (1996) afirma que dialogismo é como *“um olhar compreensivo e abrangente do ser, do homem e de seu fazer cultural. Um olhar que não está mirando apenas aspectos desse real, mas pretende captá-lo numa perspectiva de globalidade; que pensa a cultura com um vasto e complexo universo semiótico de interações axiológicamente orientadas; e entende o homem como um ser de linguagem... cuja consciência ativa e responsiva... constrói-se e desenvolve-se alimentando-se dos signos sociais, em meio às inúmeras relações sociointeracionais, e opera internamente com a própria lógica da interação socio-semiótica, donde emerge seus gestos singulares”*.

O sujeito como ser social interage com outro ser social em forma de enunciados e estabelece diálogo entre discursos, que vem a se constituir numa antropologia filosófica ou dialogismo. Porém, no conceito de dialogismo, o sujeito se torna histórico e social por incorporar diferentes vozes ou discursos dos outros, e este tecido de muitas vozes se entrecruzam, se completam, polemizam entre si, como interior e com o exterior.

Penetrar nessa intrincada rede de relações pressupõe construção e ação de uma consciência e isso requer diferentes linguagens.

Essa abordagem pode contribuir para que as dicotomias entre homem e signo possam ser rompidas, permitindo refletir além das estruturas formais dos códigos sacralizados em modelos que tudo prevêm e definem, na relação entre significado e significante, abrindo uma possibilidade inovadora de perceber o signo como construção dialógica e social, propiciando ver o significante como algo aberto, constantemente criado e recriado pelas ações e interações humanas.

Todas as atividades humanas, por mais diversificadas que sejam, estarão sempre vinculadas a um tipo de linguagem. Quando se utiliza uma determinada forma de linguagem, constroem-se enunciados, próprios e únicos, emanados de seus integrantes.

Os mapas mentais nesse aspecto podem ser considerados como aportes preciosos para o “fazer pedagógico”, sobretudo por oferecerem aos estudantes a interlocução como atores sociais e produtores do espaço geográfico. Nessa perspectiva, apresentamos a seguir uma experiência vivida.

AS DIFERENTES REPRESENTAÇÕES DO ESPAÇO: VIVENCIANDO O CENTRO URBANO DE CURITIBA

Visando apresentar uma proposta relacionada à Representação e as diferentes linguagens do cotidiano, destacamos uma experiência vivida com estudantes de graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná (UFPR) na docência da disciplina Estudos de Percepção em Geografia.

O estudo teórico/empírico denominado – **Centro de Curitiba – que espaço é esse?** foi desenvolvido com o intuito de aguçar a percepção relacionada ao olhar, sons e cheiros e suas representações referendadas nos mapas mentais como enunciados. E objetivando desvendar as linguagens do cotidiano surgiram os seguintes questionamentos:

Ao caminhar pelas ruas que sensações emergiriam?

Que imagens seriam captadas/representadas?

Que atores sociais seriam evidenciados?

Que relações seriam estabelecidas com o espaço?

Que cheiros, sons e impressões seriam captados?

Como os enunciados provenientes das sensações/ percepções seriam representados?

O espaço geográfico apreendido foi representado pelos estudantes por meio de mapas mentais cujos signos refletiram o dialogismo estabelecido. Apesar de o grupo ter percorrido trajetos semelhantes, diferentes leituras ficaram evidentes, tendo em vista valores, trajetórias e visões de mundo também diferenciadas.

Essa atividade tem características formativas, pois a partir do momento em que os seres humanos se sentem parte integrante da natureza, tendo em vista uma percepção mais aguçada, os problemas ambientais poderão ser amenizados. Por meio dos processos perceptivos e a partir dos interesses e necessidades que estruturamos e organizamos a interface entre a realidade e o mundo, selecionando-as, armazenando-as e conferindo-lhes significados. (KOZEL, 2001)

Nesse aspecto é interessante lembrar Tuan (1974), ressaltando que aguçar os sentidos permite aos seres humanos experimentar sentimentos mais intensos pelo espaço geográfico e nesse caso maior respeito ao ambiente onde se vive. O que fica evidente nas observações de Fernando, Leticia e Patricia ao ressaltar que ... *“a observação do meio e de suma importância... pois adquirir consciência dos*

problemas e qualidade do lugar em que vivem, nos torna capazes de críticas conscientes para melhorar a qualidade de vida”.

Ou ainda nas considerações de Ruth e Vânia: ...“ *vimos Curitiba não somente com os olhos físicos, mas também com os olhos da alma... uma Curitiba onde os homens agem e reagem”* .(Ruth e Vânia)

As imagens oriundas das sensações e percepções dos estudantes foram representadas a partir de signos sociais estabelecidos se caracterizando em enunciados verbais e não-verbais, ou mapas mentais. É importante destacar que por mais diversificadas que sejam as atividades humanas estarão vinculadas a um tipo de linguagem, o que ficou explícito nas percepções/representações das imagens, sons e cheiros captados, apreendidos e explicitados pelo grupo.

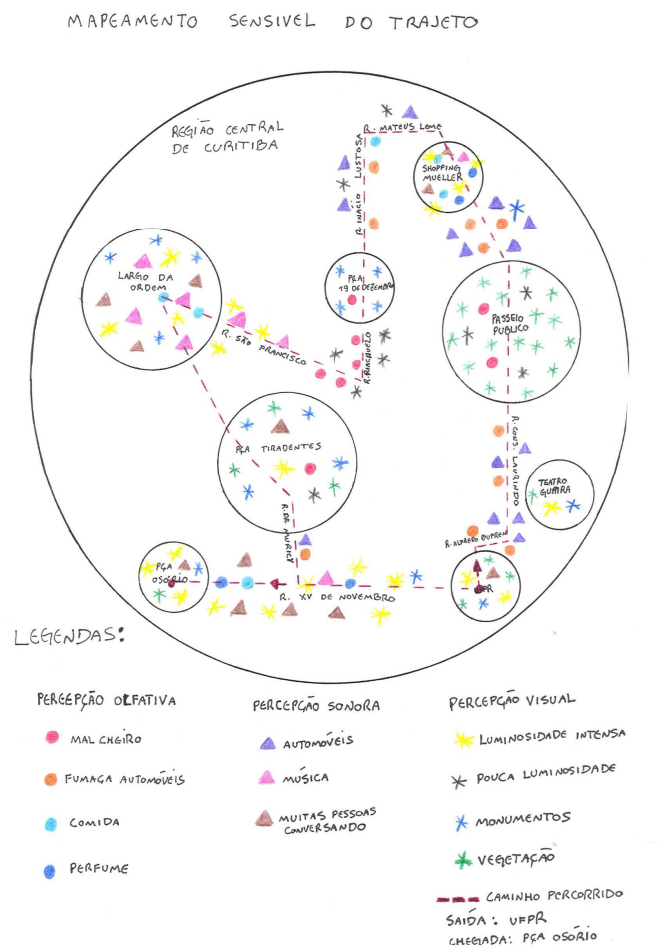
O conhecimento espacial adquirido pelos homens consiste sobretudo, em imagens mentais construídas na trajetória de sua vivência a partir da percepção. Essas imagens levam a construir um espaço mental que é percebido, concebido e representado pelos indivíduos.

GOULD(1973), direcionou suas pesquisas ao planejamento urbano e regional, investigando através dos mapas mentais (percepção avaliativa) como a distância existente entre as pessoas e o lugar pode interferir no processo de construção da imagem, explicando as formas pelas quais os mapas mentais se relacionam com as características do mundo real. É importante destacar que os mapas mentais estão relacionados às características do mundo real, ou seja, não são construções imaginárias, de lugares imaginários, que segundo KOZEL TEIXEIRA E NOGUEIRA(1999), são constituídas por sujeitos históricos, reais, reproduzindo lugares reais, vividos, produzidos e construídos materialmente. Os estudos que GOULD(1973), ANDRÉ(1998), BAILLY(1995) e MERENESHOU MAKER(1986), elaboraram demonstram os processos que concorrem para que o indivíduo estabeleça representações espaciais ou mapas mentais, do concreto ao simbólico, mostrando que a apreensão do real se dá por intermédio dos processos provenientes da percepção, das lembranças do consciente e inconsciente, assim como do contexto socio-cultural a que o indivíduo pertence., refletindo o dialogismo.

Dentre os mapeamentos desenvolvidos pelos grupos destacamos as representações abaixo ressaltando a originalidade e diversidades apresentadas.

FIGURA 01

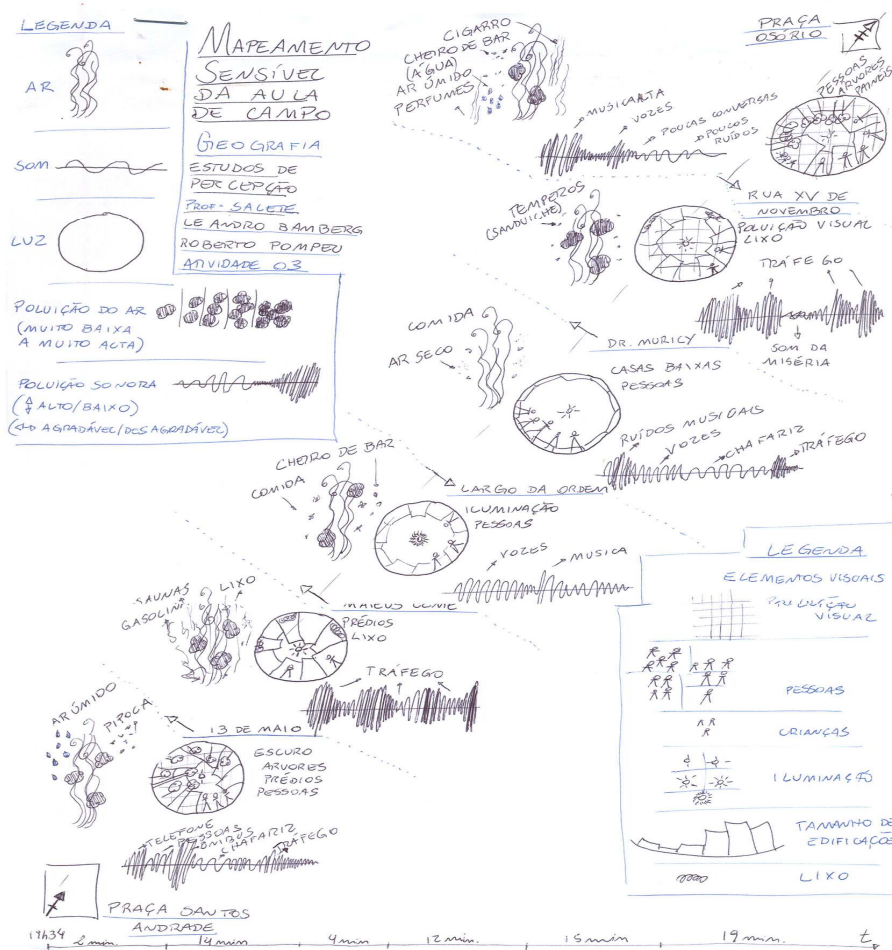
Cores e formas foram os signos escolhidos para representar percepções vividas no trajeto. O círculo foi escolhido para referendar as inter-relações dialógicas estabelecidas.



Percebemos a importância de olhar nossa cidade com outros olhos, um olhar geográfico, buscando entender as relações dos objetos e atores sociais que a constituem, e não meramente passivo como comumente fazemos, pois aos poucos a cidade torna-se mais complexa tanto culturalmente como estruturalmente.
(Rogério e Luciano, 2007)

FIGURA 02

A dinâmica do espaço é representada em células com ícones próprios evidenciando a poluição sonora, visual e olfativa com diferentes gradações e riqueza de detalhes.

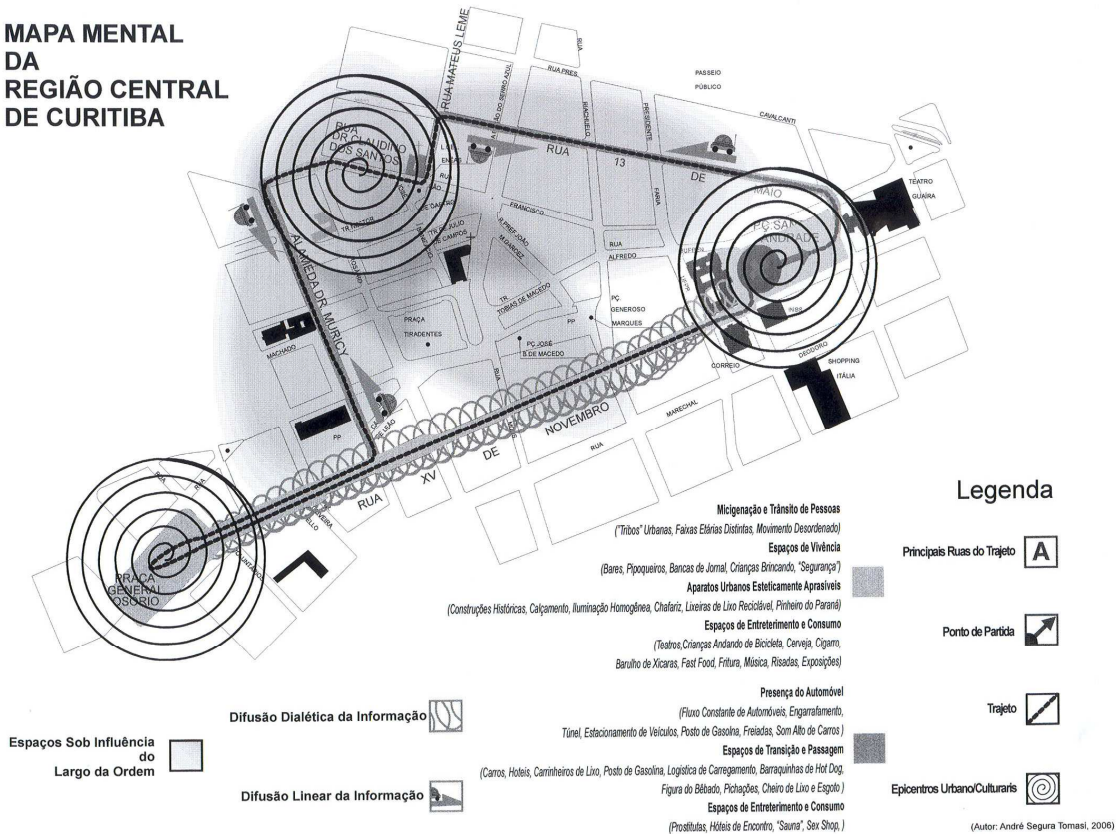


... “vimos uma Curitiba onde o homem age e reage nos lugares,”. (Leandro e Roberto,2006)

FIGURA 03

Epicentros culturais urbanos representados por espirais evidenciam a dinâmica apreendida sobre o espaço apreendido.

MAPA MENTAL DA REGIÃO CENTRAL DE CURITIBA



- Miscigenação e trânsito de pessoas*
 - Espaço de vivência*
 - Aparatos urbanos esteticamente agradáveis,*
 - Espaços de entretenimento e consumo*
 - Presença do automóvel*
 - Espaços de transição e passagem*
 - Difusão dialética da informação*
 - Difusão linear da informação*
 - Epicentros culturais urbanos*
- (André Tomazi, 2006)

As representações acima refletem uma “Cartografia Cultural”, elaborada a partir de signos sociais estabelecendo ligações com a percepção/cognição ambiental e nessa proposta se respaldando no conceito de dialogismo.

Os mapas mentais como enunciados, produtos de relações dialógicas estabelecidas entre EU e o OUTRO, proporcionam uma análise mais ampla do indivíduo no contexto social e cultural em que está inserido.

Decodificando os Mapas mentais (metodologia Kozel)

Na perspectiva de decodificar as representações elaboradas pelos estudantes considerando os mapas mentais como uma forma de linguagem estabelecemos a metodologia Kozel como um caminho possível para a interpretação das imagens construídas.

Conforme Bakhtin, as linguagens estão associadas ao homem/sociedade numa interação histórica, cultural e social, onde se estabelecem os discursos, que estão marcados pelo dialogismo, e os signos são produtos dessa construção social. Portanto a codificação dos signos que formam a imagem não é apenas uma representação individual, mas coletiva, na medida em que compartilha valores e significados com comunidades e redes de relações, referendando um signo social. Visando decodificar os textos referendados nos mapas mentais em sua construção sógnica elaboramos uma metodologia como aporte para as análises desenvolvidas a partir destas representações.

De acordo com a “Metodologia Kozel” o conteúdo dos mapas mentais é analisado pelos seguintes quesitos:

1-Interpretação quanto à forma de representação dos elementos na imagem;

(como ícones diversos, letras, mapas, linhas, figuras geométricas etc...

2-Interpretação quanto à distribuição dos elementos na imagem;

(as formas podem aparecer dispostas horizontalmente, de forma isolada, dispersa, em quadros em perspectiva etc..).

3-Interpretação quanto à especificidade dos ícones:

- . Representação dos elementos da paisagem natural
- . Representação dos elementos da paisagem construída
- . Representação dos elementos móveis
- . Representação dos elementos humanos

4- Apresentação de outros aspectos ou particularidades

A partir da análise das representações nas quatro fases acima elencadas permite uma maior compreensão sobre a lógica dos atores e sua relação com o espaço vivido e os discursos estabelecidos por meio nos signos. A metodologia proposta tem sua base teórica na filosofia da linguagem Bakhtiniana propondo analisar os signos como algo que reflete uma construção social e cultural, referendando uma determinada visão de mundo.

Para decodificar o mapa mental como uma forma de linguagem ou texto propõe-se que a imagem seja observada em suas particularidades seguindo os seguintes aspectos:

REFLEXÕES FINAIS

O trabalho desenvolvido a partir das representações permitiu resgatar as diferentes linguagens do cotidiano evidenciadas pelas construções sógnicas elaboradas pelos estudantes.

Pretende-se que tal proposta possa contribuir para sensibilização dos indivíduos em relação ao espaço geográfico sua dinâmica e principais agentes sociais .

As representações são imprescindíveis no “fazer pedagógico”, pois permitem ressignificar as ações e relações entre os seres humanos e o espaço geográfico.

É nessa perspectiva que entendemos os mapas mentais: uma forma de linguagem que reflete o espaço vivido representado em todas as suas nuances, cujos signos são construções sociais e os estudantes os agentes que as referendam.

Os Mapas Mentais são de fundamental importância como ferramenta na construção de diagnósticos relacionados aos aspectos pedagógicos, pois se constituem em importante aporte metodológico, tornando possível compreender a dinâmica do processo ocorrido com os estudantes fornecendo elementos que favorecem o redimensionamento de ações entre formação docente e geografia, pautada, sobretudo, no diálogo e na co-participação.

Bibliografia:

AMORIM FILHO, O, B; CARTER, H; KOHLSDORF, M, E. **Percepção ambiental Contexto teórico aplicações ao tema urbano**. Belo Horizonte:IGC-UFMG, 1987.

BAILLY,A.**Geographie régionale et representation**. Paris: Anthropos,1995

BAILLY,A.(org) **Les concepts de la géographie humaine**. Paris:Masson/A.Colin,1998

BAILLY,A; FERRAS, R. **Éléments d'épistemologie de la géographie**.Paris:A.Colin,1997

BAKHTIN,M. (Voloshinov,V) **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: HUCITEC,1986(original em russo 1920)

BERDOULAY, V. **Des Mots et des lieux. La dynamique du discours géographique**.Paris: CNRS,1988

BERQUE, A. Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: Elementos para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, R.L., ROSENDAHL, Z. (orgs.) **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 84-91.

BUTTNER, A. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido In:CHRISTOFOLETTI, A,(org):**As perspectivas da geografia**. São Paulo:DIFEL,1982

CASTRO, G.; FARACO, C;A;TEZZA, C. (Orgs.) . **Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

CLAVAL,P: **Épistemologie de la Géographie**. Paris: Éditions Nathan, 2001

CLAVAL, P. A Paisagem dos Geógrafos. In: Corrêa, R. L.; Rosendahl, Z. (orgs.). **Paisagens, Textos e Identidades**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004. p. 13-74.

COSGROVE, A. Mundos de Significados: Geografia Cultural e Imaginação. In **Geografia Cultural: Um Século** (2), org. R.L. Corrêa e Z. Rosendahl. :Rio de Janeiro: EDUERJ, 2000 .

DARDEL, E. **L'Homme et la Terre – Nature de la réalité géographique**. Paris, CTHS, 1990 (première edition: 1952)

DEBARBIEUX, B. Les problématiques de l'image et de la représentation en géographie In: DI MÉO,G. **Géographie Sociale et territoires**.Paris: Éditions Nathan,1998

DUCAN, J; LEY, D. **Place,Culture Representation**. Londres:Routledge.1993

DUNCAN, J. A paisagem como sistema de criação de signos. In: Corrêa, R. L.; Rosendahl, Z. (orgs) **Paisagens, textos e Identidades**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004, p. 90-132.

FARACO,C.A; CASTRO,G ; TEZZA,C (orgs) **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: Ed da UFPR, 1996 FARACO et all. **Uma introdução a Bakhtin**. Curitiba:Hatier, 1980

FRÉMONT,A.. **La Région, espace vécu**.Paris: Champs/ Flammarion,1999

GOULD, P; WHYTE, R. **Mental Maps**. Harmondsworth: Penguin Books,1974

KOZEL,S. Representação e Ensino:Aguçando o olhar geográfico para os aspectos didático-pedagógicos In: SERPA, A. (org) **Espaços Culturais vivências, imaginações e representações**. Salvador, EDUFBA, 2008.

KOZEL,S. Mapas mentais – uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas IN: Kozel, S. Costa e Silva,J, Gil Filho,S,F. (orgs) **Da Percepção e cognição à representação:Reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira Margem, 2007

KOZEL,S. Comunicando e representando: Mapas como construções socioculturais In: SEEMANN,J (org) **A Aventura cartográfica**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2006

KOZEL,S. e KASHIWAGI,H. O processo de percepção dos espaços marginalizados no urbano: O caso da Favela do Parolin em Curitiba-Pr.**Ra'E GA**, Curitiba:Editora da UFPR,n.9 p 69-82, 2005

KOZEL,S. e NOGUEIRA, A. R.B. “A Geografia das representações e sua aplicação pedagógica: contribuições de uma experiência vivida”. In: **Revista do Departamento de Geografia/FFLCH/USP**. São Paulo:Humanitas, (13) 239-257. 1999

KOZEL TEIXEIRA, S. “**Das imagens às linguagens do geográfico: Curitiba a Capital ecológica**”.São Paulo:FFLCH/USP,2001. (tese de doutorado)

OLIVEIRA, L. *Percepção e Representação do Espaço Geográfico*. In: DEL RIO, V; OLIVEIRA, L. (orgs). **Percepção Ambiental – a experiência brasileira**. São Paulo: UFSCar,1999.

SEEMAN, J. Mapas e Percepção ambiental: do mental ao material e vice-versa. **Olam Cienc.Tec** Rio Claro,v.03,n.1,p.200-223,set.2003

TUAN, Yi-Fu: **Topofilia – Um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente**(Tradução de Livia de Oliveira). São Paulo, DIFEL